

Este texto foi escrito com 5858 palavras. Escrevi de uma vez e era de madrugada. No outro dia, já com o sol daquele jeito, troquei só uma palavra () e foi na primeira vez em que ela aparece. Essa pequena correção fez com tudo que eu havia escrito, algo que me tornava só mais um leitor. 5858 palavras escolhidas e, porque troquei uma, agora 5858 palavras a serem lidas. É sobre isso esta história.*

QUANDO O VENTO E O SOL PARAM DE BRIGAR

A alegria dos mortos

Meu amigo, tá ouvindo essa música? Essa música é mais triste que a própria tristeza. Sei que você ainda não ouve, mas vai ouvir já, porque foi você que veio aqui hoje, inventado na pressa do desespero, só pra pôr esse disco de uma faixa só pra tocar.

Esta história que eu vou te contar não fala de milho, pombo ou qualquer tipo de santo, desses que a gente precisa se lembrar do nome pra agradecer ou rezar.

Esta história que vou contar só aconteceu comigo, mesmo que quando você for falar por aí nas rodas que dão voltas nas fogueiras algum chato venha a dizer que já aconteceu com ele também.

Vou te contar porque é preciso fazer você saber quem eu sou e também porque te inventei (e te pus aí do lado ruim da mesa e de ver o movimento do bar), porque será a primeira vez que ela é contada, inclusive pra mim.

Quando formos embora, você precisa entender o porquê de eu beber assim, falar desse jeito e lá na sua casa, já de ressaca, porque levei aquele tombo no final; um tombo que ainda não levei, mas você vai me ver tomar. E se isso não curar sua ressaca, vai pelo menos te fazer rir da desgraça que você ajudou a criar.

Não se preocupe em entender tudo, nem se assuste com a ideia de que eu te inventei e você só existe aqui pra ouvir e me ver cair. Aliás, nem se preocupe com a ressaca, porque depois do meu tombo, tudo se desfaz, inclusive você, mesmo que eu ainda precise ir pra esses postos que ficam abertos de madrugada beber um tico mais.

E se você quer saber, eu te inventei porque tem uma coisa que eu não consigo inventar e só você é capaz: essa música, que eu já conhecia, mas nunca imaginei que era você que trazia.

Esta história é bem simples e boba, porque além de ser a minha, ela só tem algumas palavras importantes pra você se lembrar: o Sol, a pedra, uma sombra aqui, outra lá e, vai ter uma hora, uma sombra só. E também uma velha fedida e das pernas arreganhadas, que não pára nunca de gritar.

Então, presta atenção, porque depois da minha queda, não tem como voltar mais pra te explicar. E eu vou contar esta história desse jeito, ó:

Essa música é mais triste até que a tristeza, meu amigo. Porque foi a desgraça dessa música que engravidou a mãe da tristeza e a deixou lá, desse tipo aí, como ficam as mães barrigudas: cheias de lembranças e filhos pra cuidar; estufadas das memórias até daqueles que não chegaram a nascer nem a chorar, esse tanto de coitados sem nomes que não serão escritos nem chamados, porque não precisarão ser lembrados.

Melhor assim, porque há pouco chão pra tantos esquecidos, adiados, pra esse tanto de perdidos e pros que nunca vingarão nem nunca vão ter a chance de se vingar.

Mas há sempre um jeito de saberem seu nome. O único jeito é se você não deixa acabar aquela vontade, que já não ia morrer de qualquer jeito, que todo mundo tem um dia de voltar. É isso uma vingança.

A tristeza, mesmo ainda tão menina, prometeu que ia fazer da sua vida essa vontade de também fazer saber ao mundo quem ela era, e quem ela queria matar.

Claro que não era seu pai, porque não se odeia os que já partiram, os que não têm nome nem a maçã que você espera que não esteja areada ao morder, mas está.

A tristeza queria matar sua mãe, aquela velha de pernas arreganhadas, que ninguém nunca soube o nome, porque ninguém jamais teve coragem de voltar e perguntar.

A tristeza, então, revirou a terra em busca desse nome apenas para poder ter o prazer de nunca citá-lo, mesmo quando ela cuspiisse ou vomitasse, mesmo quando o sol a fizesse perder das vistas qual era mesmo o nome que ela não deveria se esquecer; um nome que no começo ela só tinha que guardar e que agora precisava carregar.

Mas, pesado ou fácil de empurrar, lembrado ou esquecido, todo mundo que carrega ou é carregado precisa uma hora de um descanso.

E a tristeza, filha de uma velha que nunca morria e de um pai que nunca voltou, carregava a porcaria dessa coisa ainda sem nome pra lá e pra cá. Uma dessas coisas que o povo não consegue ver, mas dá pra ver que tá lá. Olha aí como faz a gente ficar.

Dava pra ver melhor quando a tristeza se sentava um tico. E já sem aquela pressa toda pelo motivo da sua vida e da sua raiva, suas costas se emborcavam igual a uma vara que fisgou um peixe grande, ou só uma âncora no fundo do mar.

Agora veja, meu amigo, o que acabou levando o nome de esperança, dado por esse povo cuja única sabedoria é a burrice de caminhar: a esperança virou uma sombra, que parece peixe, mas é só um pedaço de pau em forma de garrancho, essa maldita sombra em que a tristeza foi inventar de parar.

E, ao parar, inventou pra todo mundo também, pra todos que viessem atrás dela, isso que os mais velhos chamam de maldição e os jovens místicos de hoje apelidam que dá pra tirar do corpo com banho de cachoeira e meditação.

Tem tantos nomes pra entortar as costas de alguém, mesmo que todos eles fiquem escondidos no mesmo lugar: sob essa única sombra que há no mundo, fincada pelo Sol no chão.

É devagarinho que acontecem esse azar. De tico em tico, esse tico, que parece alívio, vira uma pedra, que se chama pedrinha quando é sua primeira aparição. Essa é a alquimia de toda agonia, a que faz as costas cozinharem até terem a forma de um arco sem uma flecha pra lançar.

Essa pedra que a tristeza carregava agora é o próprio chão em que ela tem pra pisar, um deserto onde o Sol queima mesmo quando há vento ou nem sol faz.

E a tristeza, já tão crescida, passou tanto tempo crescendo ali, que parecia agora ser feita da mesma cor e da mesma coisa que a terra é feita quando já não venta: ferrugem de sombra.

Da mesma cor dessa multidão, que o tempo todo cruza com ela e que nunca se perguntou o motivo do porquê de tudo que existe no mundo e que leva um nome, por que só o vento que não tá nem aí pro Sol.

O que é irrelevante, porque o Sol também não tá nem aí pro vento, nem quando venta tão forte, e é tanto vento, que o vendaval levanta do chão a poeira que apaga o próprio Sol, a pegada, o caminho de ida ou de volta... um vento que faz voar pelo ar esse tanto de gente que você não sabe o nome nem nunca saberá...

Uma ventania que coloca tudo de novo no mesmo lugar: o lugar onde também a tristeza um dia começou a andar; aquele lugar, que depois de tanto andar, de tanto sol e de tanto ventar, já é o lugar que todos estão ou estavam ou estiveram (mas nunca estarão). Aquele onde ninguém mais sabe onde deveria chegar; aquele que é só uma sombra onde tudo enferruja, onde tudo parece ir, mas nada sai do lugar.

E sempre acontecia: toda vez que a tristeza parava pra descansar nesse deserto cheio de joelhos gastos e rostos murchos como só o sol e o sal há de murchar, ela ao se levantar de novo criava a alquimia que mistura caminhada e descanso numa transmutação que fazia de um “tico” uma outra coisa: a mesma coisa, só que agora um tico a mais.

Era só a tristeza parar, que no primeiro ar fisgado, esse tico já era um tico maior e mais pesado e ainda mais difícil de nas costas ser ajeitado. Então, ela voltava a empurrar essa pedra sob o sol quente, sempre pra frente.

E aquilo que era só uma vontade no começo, que fazia dos sapatos rápidos e ainda limpos a cada passo, virou essa jangada a se pôr nas costas, isso que um poeta empolgado faria um idiota se encantar com uma rima que faz do deserto uma espécie de mar.

Ah, meu amigo, os poetas, mais que os místicos, são os mais burros de toda essa história de mulas e abóboras, de canelas e bêbados, de tordos e pombos... até que eu ou você. Mas nem pra rir dos tolos o Sol e o vento se dão as mãos. Não há tempo pra debochar de quem já se enferrujou com a própria sombra, quando há ainda tanta gente pra queimar e assombrar.

Só que a tristeza tem os joelhos fortes, que dizem ser do pai. E, da mãe, a tristeza herdou aquilo que nunca fazia aquela velha de pernas arreganhadas morrer nem parar de gritar.

A vingança, que a fez sair cedo de casa cheia de motivo, fez do seu destino agora esse tanto de rumo, até que do tanto de estrada, tudo virou uma estrada só, esse deserto aí, com essa sombra aí, onde ela agora pára pra tomar um ar. Um

lugar tão grande que você pode fazer uma jangada grudando cada poeta do mundo um no outro que nem assim consegue criar uma ponte pra atravessar.

E isso tudo ou tudo nesse nada, aqui ou lá, continua a girar ao redor de um Sol sempre quente. Um sol tão forte, que anda mais rápido e tem as pernas mais largas que a de toda essa gente.

E a vingança da tristeza, que teve um nome um dia, agora eram tantos, que poderiam ser o meu ou o seu, meu amigo. Eu sei que você nem existe, mas tem tanta gente que morre sem nem ter a chance de ser inventado, quanto mais poder inventar um nome pra chamar de seu, que seja pra poder matar ou ser matado por ele, que seja pra morrer por engano ou só em vão.

E, você sabe, uma vingança só existe quando você acha alguém pra se vingar, mas que você se lembre do nome e do endereço de onde fica esse lugar, ao mesmo tempo que esse nome também saiba escrever o seu ou pelo menos soletrar.

E sem saber onde morava o lugar do que ela já não se lembrava mais que precisava achar, a tristeza andava por aí sempre perdida, sempre emborcada, sempre do Sol ardida. Mas até o sempre também tem a hora que precisa parar pra descansar.

E de novo a maldição, a sombra, a hora de voltar a ficar de pé... e de novo voltar a fazer isso tudo que ela já fazia de novo, e de novo, e de novo... até que a única novidade fosse essa sombra do tamanho de uma noite em que ela se enganava que havia ficado era cega só pra inventar na sua mentira uma cachoeira, que caía vindo por cima da primeira que ela já tinha inventado pra dar conta lá atrás... uma cachoeira que deram o nome de paz. Paz, outro nome inventado pra pôr em cima daquele que ela não se lembra mais.

A vingança e a vontade de matar sua mãe, que lá no começo se chamava motivo, agora é o motivo que a faz atravessar um deserto cheio de sol e vazio, de jangadas e cachoeiras imaginárias, cheio de gente que já ficou pra trás, ou que o vento vai levar de volta um hora lá pro começo desse tanto de nada.

A única coisa que a tristeza se lembra, enquanto espera se lembrar do resto que era tudo a ser lembrado, é que tinha que andar. Mas, por mais que andasse pra tentar lembrar, nunca mais ela se lembrou da caminhada que a levou até ali, ou até lá, porque ela já estava tão longe, num lugar tão distante, que nem a imaginação tinha nome mais pra dar.

E mesmo se a memória é boa ou a canela é grossa, uma hora tudo que tem adjetivo ou até superlativo também pára pra descansar. Menos o Sol. E de tanto sol, e de tanto lá atrás, de tanto tentar lembrar, passo a passo, todo passo foi

sendo emendado no outro, até que ir ali se tornou uma ponte interminável, que não atravessa nada já que é na verdade tudo agora é só essa muralha.

E nessa sombra, a tristeza encosta agora as suas costas, numa sombra que de tão grossa, ganhou o nome de encosta, maior que qualquer montanha, algo que lembra um muro, daqueles que ainda há na imaginação.

E quando a tristeza se levanta de novo, já não sabe de onde veio aquilo tudo nem aonde tudo aquilo vai dar, que de tão grande e de tão longe que chega, nem adianta fazer assim com os olhos pra poder enxergar.

A tristeza se levanta e olha pra sombra, pra sua pedra, agora muralha, que é o chão que ela usou pra andar, pra escorar, pra respirar, pra tentar lembrar... que é tudo que sobra dela e que é agora ela.

E a tristeza já não sabe se dá pra dar a volta ou pular. Um tico que virou um troço, que já é o próprio mundo, que já voa além do céu, lá longe no espaço, onde não adianta mesmo fazer assim com os olhos pra tentar saber onde vai dar.

Mas tudo que também fica grande e crescido, que a gente chama de mundo, desse tamanho aí, meu amigo, também gira ao redor do Sol e também uma hora pára pra descansar.

E agora essa placa, chata e retangular, uma muralha parecida como quem roda um maço de cigarro numa mesa lisa e plana onde ele consiga rodar, gira também ao redor do Sol, independente se hoje venta ou a previsão diga que não vai ventar.

Veja como é uma piada a desgraça da nossa caminhada. Uma pedrinha agora é um maço de cigarro gigante (tendo só um dentro) como um outdoor a girar no meio do Sistema Solar.

Olha a ironia dessa merda, ou como é mesmo fria a água dessa cachoeira de mentira: porque a tristeza girou por aí de lugar a lugar (sem ter o endereço de onde ia nem daquele que ela poderia inventar), agora essa placa é um maço de Derby (do vermelho por causa do Sol) a girar em algum lugar entre Marte ou Mercúrio, Urano ou Netuno.

De tão vazia ficou a memória da tristeza por tentar guardar um nome ao preço de se esquecer de todos os outros, que a própria memória dela vira essa imaginação, mais feia e estranha que os versos dum poeta místico a tomar banho gelado de cachoeira, quando de noite era tudo apenas insolação.

E é desse chão que se faz brotar também os grãos de milho (que eu não queria que aparecessem nesta história) e também os pombos que se amontoam ao redor dessa pedra, essa que faz de uma mentira, um banquete de migalhas e que o povo dá o nome de esperança ao que é só uma sombra.

E quando numa história assim você faz de um maço de Derby uma barreira grande demais até pro tamanho do Sol, é porque é hora dessa história acabar ou de pelo menos matar alguém.

Então, meu amigo, nesse bar que eu abri só pra nós dois, só pra te inventar e poder também te matar, só pra você ver a minha queda, eu lhe trago o final disso tudo que eu enrolei um pouco porque é gostoso demais beber na sua companhia.

Mas não posso terminar agora, então vou matar alguém. Espere um pouco, aproveite o gosto da morte de um outro que vem antes da sua e logo chegaremos ao final.

Então, quando sobrou apenas o esquecimento, a tristeza achou que já era hora de morrer. A morte era a única palavra que ela se lembrava e que o Sol não havia desbotado numa sombra.

Ela sabia da morte, mas não sabia mais quem deveria matar ou quem deveria morrer. Aí a tristeza resolve, enfim, que era ela mesma o nome que deveria ser.

E quando a tristeza tava pra morrer, já sem pulmão pra tanto cigarro, chão pra mais sapato nem sombra pra se esconder de mais sombra, é que ela consegue até que enfim perceber.

Ali, já na fila que ela entra pra esperar e poder morrer, ali naquele lugar que fez de uma pedrinha já não ter mais pra onde ir nem como mais crescer, a tristeza entende o motivo da sua mãe nunca ter morrido e porque nunca iria mesmo morrer.

Ela pensa nisso, meu amigo, igual eu penso agora. Uma fila é o pior lugar pra existir, e se você quiser morrer, vai ter que enfrentar a maior fila que há. E quando finalmente chamam o número que vem logo antes do dela (a isso deram o nome de quase), é que ela ouve aquela música, a desgraçada dessa música, meu amigo, que eu ouço e você já vai escutar.

Essa música, que me fez começar este texto. A música que faz do quase uma senha que nunca chega, que faz do quase uma espécie de coisa que não é sorte nem azar, que é só mesmo uma espera de esperar.

Uma música que faz a desgraça do vento aparecer e colocar todo mundo de volta no seu lugar, soprando de um jeito que faz o último parecer o primeiro, mesmo que estejam todos já sem lembrar seus números. Sabe qual o nome que deram a isso, mesmo que finjam que já não se lembrem mais? De desespero.

Claro, é por isso que sua mãe não morria. Porque a esperança é uma criança que sempre chora, e sempre arruma alguém pra lhe dar os peitos a mamar.

E até no único momento em que a tristeza poderia ter pra ser ela a gritar, ela parece com os velhos que morrem pela manhã sem ninguém pra escutar. E o que grita nela é o grito de uma velha que nem ela se lembra mais que sua vida foi vivida só pra reencontrar.

Ela achando que andava, quando só estava girando com seus ticos como um tic tac circular ao redor de si mesma.

E o grito da tristeza, quando enfim consegue buscar o ar que faz de um grito um berro e um trovão lembra o dessas crianças que choram da decolagem ao pouso de um avião, não que seja alto, mas interminável. E isso faz é acordar a próxima criança que sua mãe acabou de parir e gerar, que irá crescer e andar por aí sem rumo e sem nome, só para poder parar e fazer tudo de novo: criar mais sombra e mais choro.

Mas o grito da tristeza não acorda só os meninos ou os vizinhos, faz também o vento se espreguiçar. E quanto mais raiva e barulho, mais atrás na fila o vento lhe punha, um limbo, que dão o nome de não lugar.

Mas eu vou dar a isso um nome meu: vou chamar de consciência.

A consciência não é uma posição na fila, eu acho que é a fila, meu amigo, onde não adianta mais peso, mais passo, sombra ou cansaço. A consciência é esse olho a olhar uma senha num painel com um sistema fora do ar, tanto a sua senha quanto a do outro que logo vai tomar seu lugar.

Sua mãe não dormia por isso. Se a tristeza queria matar sua mãe, sua mãe já queria matar a tristeza muito antes de saber que estava grávida dela. Mas ela não podia, porque a tristeza sempre uma hora lhe sorria.

Por isso aquela mãe sempre gritando pra uma filha um grito que era um pedido de ajuda pra morrer, que era o endereço de quem a tristeza devia matar e não se esquecer.

Mas, meu amigo, beba mais esse gole comigo, porque até pra uma criança ou uma velha chata, há uma hora que o grito ou choro também cansa e é preciso descansar.

De tanto esquecer e lembrar, de tanta pedra pra carregar pra poder andar por cima só pra poder continuar levando o chão em cima das costas, de tanto essa merda de música que não pára de tocar continuar tocando, acontece, então, a única coisa que acontece na morte de todo mundo: receber a visita de um pai que volta, que você nem lembra se teve, conheceu ou que um dia partiu.

Mas é aquele mesmo que engravidou sua mãe, essa velha que não morre e que não para de gritar igual a você ou igual ao sol ou aos números do painel que chamam todos menos o seu.

O pai da tristeza, meu amigo, é essa música que toca agora, que todo mundo achou que foi embora, mas que esteve sempre ao lado de tudo e no meio das pernas da sua mãe. Ao lado das pedras que viraram sombras e dos filhos que nasceram em vão, até na profissão de segurança, que acredita que as filas são como são porque se não forem o que eles são, então?

O pai da tristeza é essa música a engravidar eternamente uma velha que nunca morre e que faz você ter que andar até também não poder morrer, só pra entrar numa fila cuja senha, mesmo se te chamarem agora, já desbotou na sua mão.

O pai da tristeza é essa música, que um dia tocou sem nunca ter parado de tocar, que no fim vamos escutar, arrependidos de não poder mais voltar pra nunca de fato precisássemos ter saído pra andar. Essa música que é a sua segunda mãe e que na minha história eu dou o nome de pai. Essa música, que um dia te trouxe e agora volta pra te buscar.

Essa música, um pai, uma segunda mãe, que não grita, mas canta, a mostrar a fila que você levou tanto tempo parado, esperando, ora no sol, ora no vento, sempre na sombra, só pra pegar uma esfirra fria, requentada, que deram o nome mais legal de todos até agora: de azia.

Tantos dias no sol e na sombra, ao lado de tantas canelas e encostas, pra saber que quem você queria matar não é uma mãe, mas duas, ou só uma música que é exatamente agora o que não te deixa morrer. Ou pior, que te lembra que você sempre morreu.

A consciência é uma gravidez de fila, um assobio idiota de uma mãe que nem barriga ainda tem, fazendo ninar os panos de prato, achando que já são as fraldas que terá que lavar...

Mas até uma fila, por mais lenta que seja, tem uma hora que precisa parar pra descansar.

Então, quando a música pára, chegou a hora que eu preciso olhar assim pra você meu amigo: porque você é o único que morre, é só quem dá aqui pra matar.

Quem dera fosse eu, mas se for eu, quem termina isso ou volta pra ler? Vou te matar pra te pôr numa outra fila. Você é um sortudo, meu querido, é o único que morre, o único cuja senha é agora.

Essa fila em que você é, enfim, atendido, tem um nome, o nome mais bonito. E esse nome também foi eu quem deu. Essa fila se chama: **A ALEGRIA DOS MORTOS.**

Eu te chamei aqui porque o meu tropeço é você. Eu não consigo saber meu nome, meu amigo, mas talvez você saiba descrevê-lo pra mim. A gente nessa fila onde fiz parecer bar, onde eu grito e você em silêncio me olha, como se uma música tocasse lá fora.

Eu sou essa velha, meu amigo. E você tão cedo já era minha tristeza. Você foi tão longe, que tive que te inventar pra sentar aqui pra você bater na minha porta só pra eu poder morrer e você me matar. Você foi tão longe que tive que te fazer nascer de novo na imaginação porque já não te achava debaixo de tanto sol e cachoeiras ou versos de poetas.

Esse bar vazio onde você se pergunta onde todo mundo está é o meu quarto escuro e também um cartório. Não se assuste, mas isso não é um bar, é uma cama e você é a minha parteira e meu escrivão. Você é a minha tristeza, que traz, só agora, não mais roupa suja numa bacia, mas água quente e, numa caneta, o azul da tinta.

Não estamos bebendo. Isso que escorre do seu copo ou pinga do meu não é álcool, é catarro, que limpo numa camiseta preta pra achar que ninguém vê, pra ninguém se interessar pelo meu nome e nunca vir me perguntar qual é.

Estamos os dois no escuro. A gente sabe onde fica o lugar de ligar a luz. Mas a gente já sabe o que vai ver, porque esse mau cheiro não é carne de parto, mas as tripas do meu nariz. Acenda a luz e você vai ver o que um nariz faz com camisetas pretas e bacias.

Precisou de um maço de cigarro pra eu entender que assim como o mesmo catarro tem um nome se numa pia, tem outro numa camisa de molho numa bacia.

Cada palavra foi um jeito de te fazer ficar, tudo pra fazer mais um pouco dessa gosma a minha consciência; e fazer valer a pena o quanto nesse sol quente andei pra matar ou só esperei alguém que chegasse pra eu poder morrer.

Cada linha é a minha contração, meu amigo imaginário, é meu grito de velha e esse escarro de desperdício. Cada frase é esse colchão um pouco mais sujo de secreção, onde cada peça imunda de mim enche ainda mais e mais bacias a enferrujar barras e barras de sabão.

Enquanto faço força pra te matar, sofro pra tentar nascer. Não será preciso dos metais de aço afiados pra rasgar minha carne, porque ela se abrirá sozinha como um biscoito chinês vencido, sem sorte e cheio de vento, como meu nariz sempre em parto.

Não desapareça antes que eu saiba que eu não inventei um maço de Derby à toa. Me ajude a parir essa carniça sem a mentira do amor, mas pra eu amar do jeito que vier e nascer a catyinga desse fedor, pra saber que isso é uma fila e não um poema e nunca mais uma mentira ou uma cachoeira.

(*)

Meu amigo, essa música é mais alegre que a própria alegria. Porque foi a bendita da minha outra filha que a inventou de pôr no mundo. Ela fez isso pra tentar alegrar a irmã, que andava sempre emborcada e pintada de ferrugem e pó.

Pra fazer a irmã sorrir, a alegria fazia o seguinte: fazia o povo andar tão longe, tão longe, longe daquele tanto em que um pasto se torna um deserto e uma pedrinha um maço de cigarro. Foi pra ver a tristeza sorrir que a alegria inventou as canelas e a esperança.

E a música toca enquanto a tristeza já nem se lembra mais do próprio nome, toca enquanto a alegria luta para fazê-la sorrir, ao preço de todos nós andarmos sem o direito de poder morrer.

E as duas ouvem a mesma música, que pra uma é um jeito e pra outra um defeito. A mesma música fazendo de um asterisco no meio de um parêntesis uma gravidez que ninguém sabe quem é o pai.

A tristeza barriguda com uma bacia na mão. A alegria ao lado, também barriguda, segurando camisetas com aquele amarelo esverdeado de um nariz que já pariu mais que a velha da sua mãe.

Mas não importa o tamanho da barriga ou o que há lá dentro, se terá um nome ou terá nascido em vão... nem as duas barrigas juntas, nem todas as barrigas férteis juntas, serão maiores que a bacia de roupa pra lavar, sujas com a história da nossa caminhada.

E vendo essa cena, sou eu que entendo. Acho que eu não te inventei, meu amigo. Olhando agora, pro bar, pro sol, pras barras de sabão, pras barrigas cheias de vento como biscoitos da sorte, acho que você já estava aqui quando eu entrei na fila pra beber.

O que me faz pensar que, como você também está bêbado como eu, você não seja um santo. O que me resta achar que você é o milho que só eu poderia achar, porque só eu fui tão longe assim caminhando nesse sol, até chegar a este lugar em que os santos não precisam dos anjos, porque não há mais nenhum tolo no mundo pra abençoar.

Um lugar onde os santos já não precisam mais jogar o milho que trazem pra nenhum desgraçado, esse tanto de gente que andou demais sem precisar.

Aí eles colocam o resto do seu milho ali, no chão, lá na frente, bem lá na frente, pra quem for burro o bastante pra ir tão longe pra encontrar. Eu fui. Eu vim de tão longe que este milho só eu poderia achar.

Você é meu grão de milho, amigo. O que me faz, no fim da minha própria história, ser um pombo. Cá estamos, então, tombados, tontos no chão, feitos de pó, sol, sombra, sal e sabão... numa fila só de um, sem senha, sem sistema, sem segurança, sem saber o que fazemos nela.

Você é o meu tropeço, aquele que eu avisei que ia dar. Aquilo que me faz gostar mais das quedas que dos milagres, que me faz amar as rachaduras que o sol traz ao chão, mesmo que pro vento, tanto faz.

Você é o solitário milho posto no horizonte, que faz das minhas costas, joelhos e canelas serem chamados de meus, que faz de todas as encostas que esperei, que rezei e descansei serem as minhas. Que fazem desse deserto o único lugar que há pra se criar milagres ou sombras, inventar santos que não bebem ou só pra espantar os pombos místicos que bicam no chão as miragens da sua imaginação. Isso que dizem ser a beleza de uma cachoeira no alto de uma montanha seca, quando de noite, de novo, isso tem o nome de insolação.

E foi assim, meu amigo milho, que a tristeza (sempre importunada pela alegria da irmã chata) faz então a coisa mais genial que já foi feita: ela enterra sua mãe viva, ainda a berrar. Ela não a mata, já que ela não ia morrer mesmo, mas chega de tantos gritos nesta fila e nesse avião.

E quando já não é preciso de terra pra pôr ali, porque o que era um buraco agora parece um canteiro de jardim, uma kombi passa lá fora com seu alto falante a anunciar as pamonhas em promoção. Toda tarde esse milho nascido, criado, moído e embrulhado na palha de si mesmo é oferecido a quem lava roupa ou suja vendo televisão.

E assim, a tristeza descobre, enfim, o endereço que tinha que achar, esse buraco aí, que parece canteiro, onde agora sua mãe grita, sem ela ter mais que escutar.

E assim também, a tristeza põe a roupa que acabou de lavar dessa bacia sem fim pendurada numa corda esticada entre dois pedaços de paus, que já não são mais garranchos, bem lá no meio do quintal, ao lado do buraco onde sua mãe está.

A roupa toda enfileirada uma atrás da outra, a fila mais bonita que ela já viu, uma cortina preta de pano sem catarro. Só isso. Ela, enfim, com o silêncio que o mundo lhe dá: sem kombi, sem mãe, sem pamonha, sem irmã.

A tristeza, por uma única vez na vida, sorri de verdade. E a alegria não vê, porque neste momento, a alegria conta as moedas trocadas pra comprar uma pamonha de sal pra comer.

Nem ela sabe o motivo, mas foi assim que a tristeza inventou o varal e, sem querer, inventou também tanto o vento, quanto o Sol.

....

Ali, já mais pro fim do dia, começa uma chuva fina, que parece garoa, mas o povo dá o nome de chuveiro. Mas é ainda água, um tico só a molhar a roupa que o sol e o vento agora são obrigados, juntos, a secar. Um tico de água, mas bastante pra fazer nascer ao lado daquela sombra infinita, a chance de uma outra sombra, aquela que aquela plantinha (se um dia vier a viangar) poderá criar.

Mas aquele tico de água, sem ter que esperar nada do futuro, ou de plantinhas que esse povo que anda tanto deve pisar, faz nascer outra coisa, menos extraordinária: esse tipo de coisa que só nasce da imaginação, num texto ou num bar: o segundo arco-íris colado com Silver Tape que se tem notícia já visto por aí.

O primeiro é o da imagem abaixo, visto num comercial de balinhas que eu dei um print e roubei pra justificar este texto grande, que chamo de livro só pra homenagear meus milhos, ou meus santos. Mas que é, já aqui na última linha deste final, só mesmo um tratamento bobo que fiz pra mim mesmo pra me lembrar de como leva tempo pra pôr as roupas nesse varal.

E se você conseguiu caminhar até aqui, esse é o logo da minha marca: **SILVERAINBOW.**



** Print de uma propaganda da Skittles, de 2011, marca de balinhas com sabor de frutas, da Wm. Wrigley Jr. Company, uma divisão da Mars, Inc.*

Arco-íris porque todo diretor acredita em potes de ouro no final desse fenômeno ótico, em que gotículas de água no céu separam a luz do Sol que passa por elas como um prisma faria, formando um arco multicolor com o vermelho em um extremo e o violeta no outro. O arco-íris aparece quando chove ao mesmo tempo que faz sol. Outro jeito de acontecer isso é numa **cachoeira**.

O arco-íris é o roteiro que os diretores recebem: sempre quebrado. Por isso, uma fita Silver Tape, que é pra emendar tudo isso e ver se eles atravessam nessa ponte pra ver um pote de ouro invisível, que nunca vão encontrar lá no final. É isso um tratamento: uma **sombra**. É o que faço.

A Silver Tape foi criada em 1940 e desde então tem sido usada para as mais diversas finalidades: dos consertos gerais aos foguetes espaciais, incluindo arco-íris.

As balinhas da Skittles tem no seu interior e casca açúcar, óleo hidrogenado de semente de palma com sumo de fruta, ácido cítrico, aromatizantes artificiais e xarope de **milho**.

FIM

para:

Mavi; Danislau; Nobre; Tandy; Lara; Distraído; Zé Cabral; Bia; Mingau e Cacau.

Por Renato Cabral

Eu sou uma parteira. Bacia, água quente, uns panim limpo mais ou menos e vamo lá. Seu assistente criativo que acredita em cesária, aborto e eutanásia. Mas eu já quis ser uma espécie de canivete suíço. E, quando eu lembro disso, vejo agora que tudo que funcionava nele era a faquinha de cortar. Até que eu descobri que não adiantava, o canivete estava a enferrujar no fundo do mar.